

O que o Programa Residência Pedagógica me ensinou? análise dos aprendizados de um residente

 Andrey Patrick Monteiro de Paula¹,  Joel Borges Freire²

^{1, 2} Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. Colegiado do curso de Licenciatura em Pedagogia/Centro de Educação, Humanidade e Saúde (CEHS). Rua 6, s/n, bairro Vila Santa Rita, Tocantinópolis - TO.Brasil.
Autor para correspondência/Author for correspondence: andrey.paula@ufnt.edu.br

RESUMO. A partir da compreensão da aprendizagem em uma perspectiva sociocultural, que reconhece a aprendizagem como participação no mundo, temos como objetivo nesta pesquisa analisar a participação de um residente do Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), subprojeto do curso de Pedagogia. A pesquisa assume as características da pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. Para a produção dos dados o PRP foi adotado como campo de pesquisa e utilizou-se como instrumentos de pesquisa os relatórios produzidos pelo residente e a realização de uma entrevista com o discente. As análises nos permitem perceber que a participação no PRP, a partir do caso estudado, possibilita que os alunos de graduação tenham uma visão mais holística sobre a escola, conhecendo-a em seus diferentes aspectos, como suas rotinas e sua diversidade, assim como, propicia que os estudantes se projetem enquanto futuros professores e perspetive sua prática estabelecendo, por exemplo, em que nível de ensino pretende atuar e o perfil de professor que deseja assumir.

Palavras-chave: aprendizados, programa residência pedagógica, formação docente.

| | | | | | | |
|------|-----------------------|-------|--------|------|------|-----------------|
| RBEC | Tocantinópolis/Brasil | v. 10 | e19467 | UFNT | 2025 | ISSN: 2525-4863 |
|------|-----------------------|-------|--------|------|------|-----------------|



What did the Pedagogical Residency Program teach me? analysis of a resident's learning.

ABSTRACT. From the understanding of learning from a sociocultural perspective, which recognizes learning as participation in the world, we aim in this research to analyze the participation of a resident of the Pedagogical Residency Program (PRP) of the Federal University of Northern Tocantins (UFNT), a subproject of the Pedagogy course. The research assumes the characteristics of qualitative research, of the case study type. For the production of data, the PRP was adopted as the research field and the reports produced by the resident and the conduct of an interview with the student were used as research instruments. The analyses allow us to perceive that participation in the PRP, based on the case studied, allows undergraduate students to have a more holistic view of the school, getting to know it in its different aspects, such as its routines and its diversity, as well as allowing students to project themselves as future teachers and perspective their practice by establishing, for example, at what level of education do you intend to work and the profile of teacher you want to assume.

Keywords: learning, pedagogical residency program, teacher training.

¿Qué me enseñó el Programa de Residencia Pedagógica? análisis del aprendizaje de un residente

RESUMEN. Desde la comprensión del aprendizaje desde una perspectiva sociocultural, que reconoce el aprendizaje como participación en el mundo, nos proponemos en esta investigación analizar la participación de un residente del Programa de Residencia Pedagógica (PRP) de la Universidad Federal del Norte de Tocantins (UFNT), subproyecto de la carrera de Pedagogía. La investigación asume las características de la investigación cualitativa, del tipo estudio de caso. Para la producción de datos, se adoptó el PRP como campo de investigación y se utilizaron como instrumentos de investigación los informes elaborados por el residente y la realización de una entrevista con el estudiante. Los análisis permiten percibir que la participación en el PRP, a partir del caso estudiado, permite a los estudiantes de pregrado tener una visión más holística de la escuela, conociéndola en sus diferentes aspectos, como sus rutinas y su diversidad, así como permitir que los estudiantes se proyecten como futuros docentes y prospectan su práctica estableciendo, Por ejemplo, en qué nivel educativo piensa trabajar y el perfil de docente que quiere asumir.

Palabras clave: aprendizajes, programa de residencia pedagógica, formación docente.

Introdução

O Programa Residência Pedagógica (PRP) foi instituído na educação brasileira com o objetivo, dentre outros, de aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura fortalecendo o campo da prática profissional, conduzindo o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática docente.

O subprojeto do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) de Tocantinópolis/TO, contexto desta pesquisa, contou com um total de 20 colaboradores, sendo: 15 residentes (discentes da Pedagogia), 03 preceptoras (professoras da educação básica) e 2 docentes-orientadores (professores da UFNT). Foi desenvolvido no entremeio entre a universidade e três escolas-campo, sendo duas escolas de Educação Infantil e uma escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo as escolas onde as preceptoras estavam vinculadas. Diante deste total de participantes organizou-se três subgrupos, cada um composto por cinco residentes, sendo um subgrupo por escola, acompanhados por uma preceptora e supervisionados pelos dois docentes-orientadores.

Mensalmente, foram desenvolvidas 23h mensais de atividades, distribuídas em momentos de reuniões de estudos, reuniões de planejamento (do grupo todo ou por subgrupos), confecção de materiais didáticos e regências nas escolas parceiras.

Com a intenção de proporcionar experiências docentes nas diferentes escolas-campo, a dinâmica formativa do PRP foi organizada em três ciclos de aproximadamente 4 meses de duração, em cada ciclo os grupos desenvolviam atividades inerentes a um determinado contexto. Terminado o tempo do ciclo, o grupo encaminhava-se para outra escola, a fim de viver outras experiências e sob orientação de outra preceptora. Por exemplo, se no primeiro ciclo um grupo desenvolveu atividades no contexto da Educação Infantil, no próximo ciclo passava a desenvolver atividades no contexto dos Anos Iniciais, e assim sucessivamente.

Cada ciclo, inspirados na prática do *Lesson Study* (De Paula, 2023), compreendia três grandes momentos, a saber:

- Problematização da temática e planejamento coletivo de uma aula: em que todos os colaboradores (residentes, preceptoras e docentes orientadores) se debruçaram na identificação de um problema oriundo da própria prática da preceptora e a partir da definição desta problemática, alguns momentos de estudos eram previstos e após, uma

aula coletiva era planejada. A aula planejada era socializada com todos os 20 colaboradores do PRP, denominado aqui de grande grupo, no qual davam-se sugestões e problematizavam a aula, em seguida o grupo revia seu plano e partia para a implementação.

- **Regência:** neste momento a aula planejada era implementada na sala de aula da preceptora e todos do grupo participavam da aula. Cada grupo definiu sua maneira de organizar a regência, alguns decidiram que todos ficavam a frente da regência e outros decidiram que dois ou um residente assumia a regência e os demais observavam e registravam o momento, identificando, principalmente, revelações de aprendizagens dos alunos.
- **Reflexão e sistematização da experiência:** neste momento, após a implementação da aula, os grupos socializavam a experiência com o grande grupo, revelando os acontecimentos ocorridos e destacando observações específicas, geralmente sobre a aprendizagem dos alunos. A sistematização se dava a partir da escrita dos relatórios, e dos relatos de experiências produzidos para apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos e científicos.

Diante deste contexto de formação e de pesquisa aqui compreendemos a aprendizagem a partir de “uma visão sociocultural, que a considera como integrante e inseparável da prática social, como participação no mundo em mudança” (Lave; Wenger, 1991). Isso nos permite compreender que “a aprendizagem independe das relações institucionais ou formais, entre alguém que aprende com alguém que ensina, sendo onipresente às práticas sociais e muitas vezes subconsciente” (De Paula, 2023). Essa onipresença define a aprendizagem como sendo historicamente situada e não solitária, mas que se estabelece nas e a partir das relações entre pessoas, contexto e prática, pois “uma maneira de pensar a aprendizagem é como produção histórica, transformação e mudança das pessoas” (Lave; Wenger, 1991, p. 51, tradução nossa).

Apoiados nesta concepção, entendemos que aprendizagem e aprendizados não são sinônimos e adotamos a diferenciação proposta por alguns autores (De Paula; Fiorentini, 2021; De Paula, 2023), que nos colocam a aprendizagem docente como o processo de aprender (orientada pela pergunta: como os professores aprendem?) e os aprendizados como

os resultados desse processo (orientados pela pergunta: o que os professores aprendem nesse processo?).

De forma indutiva, a referida pesquisa direcionou-se para uma abordagem qualitativa de investigação. Essa abordagem se fundamenta e, ao mesmo tempo é bastante desafiadora, por estarmos inseridos no ambiente da investigação, nesse caso, toda a movimentação pedagógica do PRP e por estarmos investigando fenômenos que requerem uma descrição e interpretação em toda sua complexidade, uma vez que, “Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16). Desta forma, o caminho metodológico nos remete a ponderação de Weffort (1996, p.02), quando diz que “A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história”.

Seguindo a referida perspectiva, dentre as possibilidades de estratégias de pesquisa ancoradas em uma abordagem qualitativa de investigação, seguimos os preceitos do estudo de caso, uma vez que, nos permite analisar com profundidade o “como” e “por que” de fenômenos inseridos no contexto da vida real e possibilita que o caso seja um indivíduo (mas não só) que possua características específicas e são representantes do fenômeno a ser investigado (Yin, 2005).

Durante os 18 meses (10/2022 a 03/2024) de desenvolvimento do PRP subprojeto do curso de pedagogia, período em que esta pesquisa se desenvolveu, nós autores, e docentes-orientadores deste subprojeto, procuramos olhar atentamente todo o movimento e relações que vinha acontecendo e se estabelecendo durante o desenvolvimento das atividades por parte de residentes e preceptoras. Assim, participamos, ouvimos, observamos, orientamos, lemos narrativas escritas realizadas pelos residentes e preceptoras (reificadas em seus relatórios e nas memórias escritas de cada encontro), fizemos registros em áudios, fotos, vídeos e realizamos entrevistas.

Sobre a questão da observação, Weffort pondera que é preciso educar o olhar, mas isso não é um ato simples e exige atenção e presença. Segundo a autora,

Neste sentido a ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira. Pois sempre só vejo o que sei (Jean Piaget). Na ação de se perguntar sobre o que vemos é que rompemos com as insuficiências desse saber; e assim, podemos voltar à teoria para ampliar nosso pensamento e nosso olhar. Este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o

classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido o olhar e a escuta envolvem uma **AÇÃO** altamente **movimentada, reflexiva, estudiosa**. (Weffort, 1996, p.02 – **grifos da autora**).

O arcabouço instrumental, serviu também, como fonte de coleta de dados para esta pesquisa, assim, exploramos as narrativas do residente sujeito de nossas análises, por meio de seus relatórios e da realização de uma entrevista.

A entrevista realizada assumiu “o formato do tipo focal” (Yin, 2005), sendo conduzida por algumas questões previamente formuladas, como por exemplo: você já tinha participado de algum programa ou projeto na universidade?; O que levou você a participar da seleção para o PRP?, O que o PRP lhe proporcionou?, mas que também permitiu, no momento da entrevista, de forma espontânea e informal, realizar outras perguntas. A entrevista aconteceu no dia 02 de maio de 2024 nas dependências da UFNT e foi gravada em áudio.

Após escutarmos atentamente a entrevista realizada, definimos alguns episódios e/ou excertos que mais traziam as impressões do residente ao participar o PRP e que nos possibilitaram, por meio da interpretação, revelar e refletir sobre seus aprendizados. Identificados estes episódios e/ou excertos fizemos inicialmente sua transcrição integral, e posteriormente, após uma nova leitura, fizemos alguns ajustes a partir da adoção de alguns cuidados para melhor trazê-los para este texto, como a correção de vícios de linguagem e inclusão de alguns complementos, que aqui estão entre colchetes, como o espaço geográfico, localização e gestos.

A escolha em especial de um residente, caso deste estudo, se deu por dois motivos. Primeiro, em virtude de, em nossa primeira reunião, ao solicitarmos que os residentes e preceptoras socializassem conosco o porquê de sua participação no PRP e qual suas expectativas, Joel não demonstrou ter qualquer perspectiva em seu horizonte de que o programa pudesse contribuir com sua vida acadêmica ou sua futura prática profissional. E em segundo lugar, ele estava vivenciando uma experiência difícil no estágio supervisionado, devido a dificuldades de relações interpessoais, advindas de uma personalidade extremamente introvertida.

A partir de suas colocações iniciais passamos a observar a participação do discente, com o intuito de identificar se sua inserção no PRP possibilitaria alguma transformação (ou não) em relação a sua visão sobre o curso que estava fazendo, sobre o seu futuro lócus de

atuação profissional e em relação a si mesmo, pois um dos objetivos do subprojeto de Pedagogia visava o desenvolvimento e socialização de práticas exitosas que contribuíssem para a formação, o exercício e o desenvolvimento profissional dos estudantes de pedagogia.

Envolto nesse contexto e perspectiva teórica, buscamos saber: quais aprendizados o Programa Residência Pedagógica propiciou ao residente Joel? Desta forma a presente pesquisa teve como objetivo analisar a participação de um residente do PRP, do subprojeto do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFNT de Tocantinópolis/TO, destacando seus aprendizados.

Neste sentido procuramos aqui nos aprofundar no caso específico do residente Joel¹, terceiro autor, que permitiu aqui usarmos seu próprio nome por considerar importante a revelação das potencialidades do PRP como uma forma de justificar a importância do programa para a formação dos estudantes do curso de licenciatura.

Revelando e discutindo os aprendizados do residente

Joel é um estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, que cursava o sexto período do referido curso, quando ingressou como um dos residentes do PRP. Antes de participar do PRP havia iniciado uma participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no ano de 2020, no entanto, não conseguiu concluir e ficou apenas por seis meses, justificando esse pouco tempo de participação pelo fato das atividades terem acontecido de forma *online* por conta da pandemia. Observa-se que Joel ainda não havia participado efetivamente de um projeto ou programa que fosse voltado para uma maior aproximação com a realidade escolar, pois, conforme mencionado, ele estava, concomitante ao PRP, realizando o primeiro estágio supervisionado do curso de Pedagogia.

No decorrer das atividades do PRP tivemos vários momentos de estudos, planejamentos, escritas, reflexões e durante todo este processo Joel foi cada vez mais se sentindo pertencente a comunidade de residentes, e em uma relação de alteridade consigo, com o mundo e com os outros, foi se autocompreendendo e se transformando. Ao ser questionado sobre como se considera enquanto um estudante do ensino superior ele responde.

Eu não me considero um bom aluno, porque eu acho que para ser um bom aluno, principalmente na universidade, que cobram tanto a participação, eu não costumo

participar tanto, por várias questões. Porém, eu acredito que isso faz uma diferença muito grande, pois só saber escrever ou fazer uma atividade, principalmente no curso de formação de professores, não é suficiente para dar aulas. Essa parte de falar, do diálogo, de troca é muito grande na sala de aula, por este motivo eu não me considero um bom aluno. Questão de apresentação de exposição, essa é minha dificuldade muito grande. (Entrevista, Joel, 2024).

Ao falar de si, Joel se coloca como um estudante que não possui as “qualidades” de um bom aluno. Quando diz “por várias questões” não deixa claro os motivos que os leva a ausência de sua maior participação nas atividades acadêmicas e nos permite compreender, que umas de suas dificuldades são as de falar em público ou em grupos, de conversar e de se posicionar diante de momentos que requerem uma maior participação com sua opinião.

De fato, no início de seu ingresso no PRP, quando ainda estava em “uma participação periférica” (Lave, 1991) deixava explícito suas dificuldades. No entanto, os momentos formativos favorecidos pela dinâmica do subprojeto permitiram que o residente, aos poucos, fosse mudando de perspectiva, isso é percebido quando relata que “*A experiência no RP foi esse movimento, tinha que apresentar trabalhos, confeccionar materiais e dar aulas*”. (Entrevista, Joel, 2024).

Participar periféricamente de uma comunidade, se configura como um processo de colaboração que tem início em nossa inserção social no mundo. (Lave; Wenger, 1991). Estar em uma comunidade, como o PRP, requer inicialmente, uma inserção periférica, em que, na relação com o contexto e com os outros acontece momentos de aprendizados que, aos poucos vão se desenvolvendo, quando passamos a assumir as práticas da comunidade como nossas. É nesta inter-relação, participação-participantes-comunidades, que se dá a participação periférica e se desenvolve a aprendizagem. A final “Estar em mundo social é estar em uma posição periférica, que de nenhum modo é desprivilegiado, em que não estejam participando dos processos de aprendizagem que ali acontecem. Pelo contrário, é um lugar que possibilita o movimento para uma participação mais intensa, conhecedora, ou seja, mais plena dentro da comunidade” (De Paula, 2023, p. 79).

Integrar este movimento formativo permitiu que Joel, agora em posição exotópica, ou seja, se enxergando e se reconhecendo (Bakhtin, 2003), percebesse a necessidade de ter uma atuação mais ativa, como ele próprio diz

Chegou um tempo que eu queria participar mais das reuniões falando o que eu achava, isso foi algo que eu deixei muito a desejar, ficava muito quieto observando e nos planejamentos também, senti falta de me impor e propor alguma atividade. (Entrevista, Joel, 2024).

No excerto anterior, ao apresentar sua reflexão, o residente revela o início de um sentimento de confiança, que para este foi importante, pois foi a partir deste sentimento, facilitado pelas relações estabelecidas, que o residente se encoraja a participar de forma mais efetiva e legítima das práticas do grupo.

Ao fazer uma retrospectiva da experiência vivida, o residente faz a seguinte revelação

Então hoje, por incrível que pareça, eu acho incrível para mim, que eu consigo já falar um pouco e me colocar neste lugar, pois o que eu penso que minha opinião pode valer numa roda de conversa ou numa sala de aula. (Entrevista, Joel, 2024).

No excerto citado, Joel deixa transparecer a importância do PRP para sua transformação, ficando ainda mais evidente quando o residente enfatiza em sua narrativa a palavra “*incrível*”, que retrata o quanto para ele, foi transformador sua participação no programa, pois segundo sua visão, está se tornando um “bom aluno”, em virtude de conseguir se manifestar e ter voz mais ativa e ouvida por outros.

Os momentos de ficar apenas observando foram ficando cada vez mais raros e o residente foi aos poucos assumindo maiores responsabilidades no grupo e assim, gradualmente, foi assumindo uma atuação plena e legítima. Ao se integrar a comunidade e as suas práticas o participante vai assumindo maiores responsabilidades, da linguagem, do repertório e de tudo de específico da comunidade, “...aprender a se tornar um participante legítimo em uma comunidade envolve aprender a falar (e permanecer em silêncio) da mesma maneira que os participantes mais experientes.” (Lave & Wenger, 1991, p. 105, tradução nossa).

Nos momentos de confecções de materiais para as regências, são perceptíveis a plena participação do residente, em suas palavras “*Durante a confecção de materiais, pude me envolver mais profundamente nas regências. Essa foi uma das atividades mais marcantes do Residência*”. (Terceiro Relatório, Joel, 2024).

Na fala citada, percebe-se que o residente segue transformando suas dificuldades em ações de reconhecimento e valorização de suas habilidades, aliado ao conhecimento de sua futura prática, a partir da valorização dos momentos de planejamento, pois segundo ele “*No*

momento em que pensamos as atividades, discutimos os materiais a serem utilizados e colocamos a mão na massa, foi possível visualizar as possibilidades de regências acontecendo. Esse processo me fez perceber que uma aula exige muita preparação”. (Terceiro Relatório, Joel, 2024).

No processo de preparação e de planejamento o residente de início ficava observando, porém, sempre aprendendo, pois, estar em uma posição periférica não significa que não há aprendizagem (Lave, 1991), projetava sua aula, como é percebido no episódio a seguir:

Quando chego a hora de minha regência que foi com a residente Marta, que era sobre as formigas, aquele planejamento eu não participei tanto, só que eu tinha pesquisado algo que naquele momento eu percebi que foi algo que deu certo, era sobre o ensino da letra F. Eu fui pesquisar sobre como ensinar a letra F, o som da letra F e achei uma brincadeira. Naquele momento ali eu conduzi a turma, foi um momento que deu certo, e fui levando-os a fazerem o som da letra F. Aquele momento ali eu considero que foi um protagonismo meu e que deu certo. (Entrevista, Joel, 2024).

Joel relata um episódio de regência em que no momento de planejamento da mesma não participou bastante, mas também expressa que reconheceu a importância do planejamento do professor, compreendendo que este não se limita aos momentos de reuniões do grupo. Para a referida regência Joel continuou seu processo de participação buscando em outras fontes ideias e conhecimentos sobre a temática da aula e revelou que encontrou uma tarefa que conseguiu colocar em prática no momento da regência. O momento experienciado foi importante e considerado por ele como uma ocasião de protagonismo, tendo em vista que se percebeu conduzindo a turma com maior segurança.

No decorrer de sua participação no PRP Joel teve experiências de regência em dois contextos diferentes, ou seja, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nestes dois contextos o residente foi acompanhado por diferentes preceptoras, que no episódio de sua entrevista, a seguir, traz alguns aspectos.

Na experiência do Ensino Fundamental eu me dei melhor. Isso foi, em parte, por conta da turma da professora Joana e dela como preceptora. A Joana tem um jeito diferente da professora da Educação Infantil. A Joana fala em um tom mesmo meu, um tom mais baixo, a sala dela é mais silenciosa, apesar dos alunos participarem muito. Eu acho que pela figura da Marta, professora da Educação Infantil, que é uma mulher grande, tem um tom de voz mais forte, ela tem esse lugar ativo e central em sala de aula, me fez perceber que na Educação Infantil era tudo muito maior. Lá você tinha que falar mais alto, você tinha que se

impor mais, então, esse não era meu lugar. Então na Joana, no Ensino Fundamental foi o lugar em que eu me dei melhor. (Entrevista, Joel, 2024).

No episódio em questão, o residente, demonstra de início que o PRP lhe permitiu identificar o melhor lugar para o exercício de sua futura prática, esclarecendo que seria os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para chegar a esta conclusão o residente se projeta na prática das preceptoras. Participar destas diferentes experiências permitiu que Joel se visse como um professor que não falará tão alto em sala de aula e que não seja tão necessária sua imposição. Apesar do residente projetar sua prática, a partir das práticas das preceptoras, o residente nunca, jamais conseguirá em sua completude replicar a prática do outro, pois “Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca” (Bakhtin, 2017, p. 96).

O processo de planejamento de uma aula e de movimentações pelas escolas, favoreceu o amadurecimento de sua percepção das instituições escolares, como pode ser percebido em sua própria fala.

Foi a partir do RP que passei a ver aquele lugar [a escola], que eu achava um pouco caótico, e que via sempre pela minha experiência como aluno, agora como um local de trabalho. Hoje eu conseguiria em uma sala de aula e saber o que fazer, mas agora como professor e não como aluno entrar. (Entrevista, Joel, 2024).

Percebe-se que o PRP contribuiu para que Joel formasse uma visão da escola e de sua futura profissão, saindo de uma perspectiva enquanto aluno da educação básica e se encaminhando para a de um futuro professor.

Tal constatação configura um movimento muito importante que é a construção da identidade profissional. Segundo Dubar (2012, p. 358) a constituição identitária da profissão “... conecta, permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo (*self*), concebido como um processo em construção permanente”.

Vale ressaltar que, além do caráter contínuo, a identidade profissional se constitui através de momentos coletivos e individuais, aliando teoria e prática a partir das experiências vividas no contexto de trabalho, resultado de um percurso de formação qualificante.

Nesse sentido, avalia-se que a dinâmica formativa adotada pelo PRP/subprojeto de Pedagogia proporcionou ao discente Joel tecer um percurso reflexivo e autorreflexivo, num movimento interformativo (com os outros) e intraformativo (consigo), dando um passo significativo para a constituição de sua práxis pedagógica, que na concepção de Heller (1991) é definida como “ações desenvolvidas conscientemente com objetivos previamente definidos, que desencadeiam autotransformações e transformações sociais” em prol de uma educação igualitária para todos.

Considerações Finais

A participação do residente Joel durante os 18 meses de execução do PRP/subprojeto do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), proporcionou o desenvolvimento de seus aprendizados, para além de uma perspectiva cognitiva, fazendo-nos atentar para uma aprendizagem de cunho sociocultural, ou seja, centrada no processo de participação e de interrelação com outros em sociedade. Por conseguinte, retomando a questão problema que impulsionou o desenvolvimento dessas análises, sobre quais aprendizados o Programa Residência Pedagógica propiciou ao residente Joel. Constatou-se a priori, que os aprendizados do residente se deram, principalmente, a partir de mudanças em seu saber fazer e em seu saber ser.

Com relação ao seu saber fazer, o residente Joel, deixou evidente que o aprender na prática envolve, não apenas, estar ali participando ativamente, mas requer uma observação atenta aos acontecimentos que ali se entrecruzam, reafirmando que “Aprender na prática envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, interativamente, ambos ao mesmo tempo”. (Lave, 2015, p. 41). Situação que exigiu abertura a novas aprendizagens intrapessoais e interpessoais.

Neste sentido, Joel passou a desenvolver e colocar em prática sua habilidade criativa, evidenciada nos momentos de planejamento e processo de criação de materiais didáticos. O residente passou a compreender também a relevância do planejamento de uma aula, destacando a atenção de lidar com imprevistos, a importância dos estudos e da preparação para assumir uma turma e passou a perceber o significado de sua opinião, de se colocar diante das ideias que eram propostas pelo seu grupo e de ouvir o outro.

De forma mais intensa, destacam-se os aprendizados do residente Joel, no que tange ao seu saber ser, sendo aprendizados inerentes a sua transformação e estão diretamente ligados à sua identidade, tanto pessoal quanto profissional, pois aprendizagem e identidade são inseparáveis (Lave & Wenger, 1991). Os aprendizados de cunho pessoal do residente se deram a partir de uma maior compreensão de si e de superação de seus limites pessoais, por exemplo, a timidez para falar num espaço coletivo.

A partir de um processo de distanciamento de si mesmo (exotopia) Joel passou a se compreender, passando de um estudante não participativo e assumindo cada vez mais responsabilidades nas práticas do grupo, em uma relação eu-para-mim (Bakhtin, 2017) que possibilitou se ver em transformação. Essas transformações de si, se deram a partir de um sentimento de confiança com seu grupo, mas principalmente, por sentir confiança em si mesmo, fato que coloca esse sentimento como um fator indispensável para a aprendizagem (De Paula, 2023; Gravem, 2004).

Participar do PRP e se relacionar com outros colegas, como as professoras (preceptoras) e conhecer diferentes contextos da escola (Educação Infantil e Anos Iniciais) possibilitou que Joel se visse como um futuro professor, se projetando a partir das práticas observadas e vivenciadas. A projeção da prática de Joel, se deu em uma relação outro-para-mim (Bakhtin, 2017), ou seja, “... reconhece nas práticas e contextos outros, intenções e ações que buscam direcionar, mesmo não completamente, suas práticas e principalmente sua visão de educação”. (De Paula, 2023, p. 218).

Quanto ao contexto escolar, Joel passou a ver a escola, não somente como um aluno que foi da educação básica, mas como um lugar em que um dia estará como docente, logo, passou a ver a escola como um espaço profissional. Essa constatação nos indica um movimento de construção de sua identidade profissional. Ao entrar no espaço escolar, mais especificamente nas salas de aulas das preceptoras, e delas se sentir pertencente, possibilitou que o residente projetasse seu perfil enquanto professor. Esta projeção propiciou inclusive que nosso futuro professor se imagine como será seu tom de voz na sala (tom baixo) e como será sua relação com seus alunos, objetivando sempre incentivar seus alunos a participarem de sua aula.

A participação dos estudantes de graduação no PRP, a partir da participação do residente Joel, no permite perceber as potencialidades deste programa. Propicia que os alunos

de graduação tenham uma nova visão e participação nas escolas da educação básica, que se encaminha de fato para a compreensão da relação teoria e prática. Permite ainda que, estes estudantes tenham uma visão holística sobre as escolas, conhecendo-as em seus diferentes aspectos, como suas rotinas, sua diversidade, seus pontos fortes e seus problemas.

Está em constante relação com seus colegas, com as preceptoras, com a realidade escolar, possibilita que os estudantes se projetem enquanto futuro professor e direcionem sua futura prática estabelecendo, por exemplo, em que nível de ensino pretende atuar. Além disso, pelo convívio mais aproximado com a realidade do trabalho docente, conseguem compreender suas dificuldades e realizações.

Encerramos estas reflexões trazendo as próprias palavras do residente Joel que, diz “Escrever sobre as nossas práticas, nos dá a possibilidade de olhar para possíveis erros cometidos, muitos deles até então não percebidos de imediato”. (Primeiro Relatório, Joel, 2022).

A fala do residente nos revela mais um de seus aprendizados, ou seja, a importância do registro na formação docente. Sua fala converge com a forma de ver o registro segundo Weffort (1996, p. 22), quando menciona que “Escrever deixa marca, registra pensamento, sonho, desejo de morte e vida. Escrever dá muito trabalho porque organiza e articula o pensamento na busca de conhecer o outro, a si, o mundo”. Contudo, tal movimento é de suma importância para articulações dentro e fora de si, de tal modo que se pode prospectar melhorias intrapessoais, interpessoais e no contexto vivenciado.

Referências

Bakhtin, M. (Volochínov). (2012). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Cidade do Porto: Porto.

De Paula, A. P. M., & Fiorentini, D. (2021). Aprendizagem e aprendizados de uma professora dos anos iniciais em um contexto de Lesson Study Híbrido. In Costa, S. C. et al. (Orgs.). *Pesquisas interdisciplinares na amazônia tocantina: saberes e fazeres em diálogos* (pp. 91-109), Belém-PA, Rfb editora.

De Paula, A. P. M. (2023). *Aprendizagens e aprendizados de professoras que ensinam matemática mediante participação em um Lesson Study Híbrido* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

Dubar, C. (2012). A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, 42(146), 351-367.

Gravem, M. (2004) Investigating mathematics teacher learning within: an in-service community of practice: the centrality of confidence. *Educational Studies in Mathematics*, 42, 77-211.

Heller, A. (1991). *Sociologia de la vida cotidiana*. 3 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1991.

Lave, J. (2015). Aprendizagem como na/da prática. *Horizontes Antropológicos*, 21(44), 37-46.

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.

Portaria nº 82/Capes, de 26 de abril de 2022 (02 de maio de 2022). *Dispõe sobre o regulamento do Programa Residência Pedagógica – PRP*. Diário Oficial da União. Edição: 79, Seção: 1, Página: 42. Recuperado de: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/diretoria-de-educacaobasica/28042022>

Weffort, M. F. (1996). *Observação, registro e reflexão*. Instrumentos Metodológicos. São Paulo: Espaço Pedagógico.

Yin, R. K. (2005). *Estudos de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

ⁱ Somente o nome do residente Joel, por sua autorização, corresponde aos nomes reais, os demais nomes aqui citados são fictícios para manter o anonimato dos demais colaboradores.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 20/10/2024
Aprovado em: 10/11/2024
Publicado em: 18/12/2024

Received on October 20th, 2024
Accepted on November 10th, 2024
Published on December, 18th, 2024

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Paula, A. P. M., & Freire, J. B. (2025). O que o Programa Residência Pedagógica me ensinou? análise dos aprendizados de um residente. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e19467.

ABNT

PAULA, A. P. M.; FREIRE, J. B. que o Programa Residência Pedagógica me ensinou? análise dos aprendizados de um residente. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 10, e19467, 2024.